

Tudo que vi mudar em 40 anos

ETHEVALDO SIQUEIRA (*)

Vivemos tempos fascinantes, amigo leitor. Comecei minha vida profissional de jornalista, em março de 1967, há mais de 44 anos, portanto. Quando olho para a estrada percorrida, fico ainda mais convencido de que nossa geração é, sob muitos aspectos, privilegiada. Para o jornalista, a informação é a matéria prima de seu trabalho. Esse fato explica o uso que faço diariamente do arsenal de ferramentas de comunicação, arsenal que, aliás, é também utilizado por milhões de cidadãos de classe média.

Computadores, tablets, smartphones, fibra óptica, banda larga e internet – toda essa parafernália tecnológica seria impensável há pouco mais de 20 anos, no dia-a-dia das pessoas. Além de minha profissão estar ligada diretamente à informação, pertenço a uma geração que tem vivido e testemunhado a maior ruptura de paradigmas tecnológicos, em especial nas áreas de eletrônica, tecnologia da informação (TI) e telecomunicações.

A grande vantagem de estar trabalhando há mais de 40 anos nessa área é ter adquirido uma visão abrangente da evolução histórica das tecnologias que hoje revolucionam a vida humana. Quando olho para esse passado de quatro décadas, fico, realmente, espantado com as transformações por que passou o mundo.

Eletrônica de entretenimento

Tomemos apenas a evolução da eletrônica de entretenimento. Minha primeira cobertura internacional no campo da eletrônica foi a estreia de um evento

extraordinário, a primeira edição do Consumer Electronics Show (CES), realizada em Nova York, com 110 expositores, nos hotéis Americana e New York Hilton, em Nova York, em 1967, e foi visitada por 17.500 pessoas. As duas grandes novidades tecnológicas daquele evento eram as baterias alcalinas e os televisores totalmente transistorizados ou solid-state – nos quais, as válvulas a vácuo eram substituídos por transistores – além dos muitos tipos de rádios transistorizados e sistemas de áudio estéreo modulares.

A última edição do CES, em 2011, em Las Vegas, recebeu mais de 140 mil visitantes profissionais e teve quase 3.000 expositores. Entre suas novidades de impacto, estavam os mais avançados televisores com imagem de alta definição tridimensional (3D).

O CES passou a fazer parte de minha profissional, a ponto de eu não ter perdido nenhuma de suas edições anuais em Las Vegas, de 1970 para cá. Foram 41 edições desse evento. De lá para cá, selecionei alguns dos lançamentos realmente significativos dessas quatro décadas:

- Em 1970, o CES mostrou o primeiro gravador de Videocassete ou VCR (videocassette recorder).
- Em 1974, as empresas lançaram o toca-discos para laserdiscs, aqueles discões de 30 centímetros de diâmetro com som digital e imagem analógica.
- Em 1979, a Sony lançou o seu primeiro Walkman, reproduzidor de fita cassete com fones de ouvido de nova tecnologia e maior eficiência.
- Em 1981, foram apresentados os primeiros tocadiscos

para CDs (CD players) e as primeiras câmeras-gravadoras (camcorders) de videocassete, formato VHS.

- Em 1993, o CES lançou o minidisc, pequeno disco magnético digital.
- Em 1994, foram exibidos os receptores de televisão via satélite.
- Em 1999, vieram os primeiros PVRs (personal video recorders), de que é exemplo o TiVo, nos Estados Unidos, e o Sky+ (Sky Mais), no Brasil.
- Em 2001, foi apresentado o televisor de plasma.
- Em 2004, o mundo conheceu os dois formatos concorrentes de DVDs de alta definição: Blu-ray Disc e HD-DVD.
- Em 2005, os japoneses da NHK mostraram o primeiro sistema de Ultra High Definition TV (U-HDTV), com 32 milhões de pixels em telões de 11 metros de diagonal.

Lições dos líderes

Ao longo de mais de 40 anos, os jornalistas de todo o mundo puderam ouvir e entrevistar no CES alguns líderes e pioneiros como Akio Morita (Sony), Bill Gates (Microsoft), Steve Jobs (Apple) e Craig Barrett, Terry Semel (Yahoo!) ou Larry Page (Google). Assistindo a suas palestras, a imprensa mundial tem podido acompanhar o desenvolvimento da eletrônica e a evolução da tecnologia. E guardamos excelente lembrança de suas apresentações memoráveis sobre as tendências da tecnologia digital, da multimídia.

O interesse e a paixão pelas apresentações desses líderes da indústria eletrônica foram, em alguns anos, tão grandes que, com duas horas de antecedência das palestras, chegávamos a formar filas de mais de 2 mil jornalistas, para ouvir Bill Gates, que foi o keynote speaker titular, durante 11 anos, sempre na véspera da abertura de todas as edições do CES de 1998 a 2008.

Tendências e estratégias

Outro evento empolgante, que já não existe mais, era a National Computer Conference (NCC). Para mim, a mais significativa delas foi a de 1981, realizada no McCormick Place, em Chicago, ainda dominada pelos mainframes e com um show histórico extraordinário: numa imensa sala, lá estava, remontado e funcionando, o ENIAC (Electronic Numerical Integrator and Calculator), primeiro computador do mundo, criado em 1946, na Universidade de Pensilvânia, com suas 18 mil válvulas. Contemporâneo daquele computador pioneiro, a IBM havia desenvolvido o Mark I. E posterior ao ENIAC, vieram outros computadores com nomes bem humorados como ILLIAC, JOHNNIAC e MANIAC.

Juntamente com o CES, outro grande evento de multimídia e comunicação, a NAB (sigla de National Association of Broadcasters, ou seja, Associação Nacional de Radiodifusores, dos Estados Unidos) que foi palco de verdadeiras guerras entre formatos e tecnologias, como a que ocorreu entre o Blu-ray seu competidor, o HD-DVD, da Toshiba, vencida pelo primeiro.

Impacto em minha vida

Como milhares de outros jornalistas, faço ligações telefônicas internacionais com o Skype, com a tecnologia de voz sobre protocolo IP da internet (VoIP), entrevistando especialistas, durante horas, sem gastar mais do que alguns centavos. O melhor exemplo da convergência digital que posso dar hoje é minha experiência cotidiana na internet – ao acessar jornais, revistas, universidades, laboratórios, emissoras de rádio e instituições como as Nações Unidas (ONU), a NASA ou o Vaticano.

Permanentemente ligado a essa rede, posso acompanhar qualquer tipo de evento no planeta, sejam conferências internacionais, Olimpíadas ou partidas de futebol. Aliás, é no entretenimento que tenho os momentos de maior prazer com essa incrível tecnologia digital. Ela me traz até minha casa recebo alguns dos maiores gênios da cultura ou da música universal.

Esse convívio com tantos artistas é um privilégio do homem moderno que nem os reis mais ricos e cultos do século 18 ou os Médicis de Florença tiveram. Recebo em minha casa, os avatares virtuais de líderes mundiais, escritores ou cientistas. Outros são compositores ou grandes intérpretes. Quando as notícias ruins da TV ou da internet começam a me intoxicar, recorro à música maravilhosa desses gênios.

Vivemos tempos fascinantes, amigo leitor. Não é brincadeira. Vladimir Horowitz me concedeu anteontem um concerto exclusivo. Ontem, degustei cada nota da Balada nº 1 de Chopin, fluindo dos dedos mágicos de Artur Rubinstein num super audio CD. Era como se o pianista estivesse ali, diante de mim, no seu piano Steinway de cauda inteira. No começo da semana, recebi Herbert von Karajan à frente da Filarmônica de Berlim. Hoje vou ouvir

Jascha Heifetz tocando seu extraordinário violino Guarneri del Gesu.

Maravilhas rotineiras

Avaliemos alguns dos avanços da eletrônica digital que amenizam nossos dias, lembrando que eles são muito recentes. Tanto assim que muitos filhos perguntam hoje a seus pais: “Como vocês podiam viver num mundo sem internet, sem computador, sem celular ou sem iPad”?

Para o cidadão do século 21, o acesso crescente ao conhecimento, à informação e ao entretenimento deixa de ser um fato inusitado para transformar-se em rotina. Pena que o homem comum pareça estar perdendo a capacidade de admirar-se, como, também, de indignar-se.

É claro que a revolução científica e tecnológica vai muito além da comunicação e do entretenimento. Minha geração, por ter assistido a toda essa transformação da tecnologia, considera-se, de alguma forma, privilegiada. Ao longo de nossa vida, estamos testemunhando as mais profundas transformações da ciência, da tecnologia, da economia, da medicina e dos costumes da história da humanidade.

É claro que o mundo e o Brasil ainda têm incontáveis problemas graves e de difícil solução, como a desigualdade sócio-econômica, os bolsões de miséria, o terrorismo, a corrupção, as guerras e as ameaças cada dia mais sérias ao meio ambiente. Esse é o lado terrível de nossa vida.

Mesmo assim, leitor, insisto em afirmar que vivemos tempos fascinantes. O planeta transformou-se realmente numa aldeia global, muito mais do que nos anos 1960, quando MacLuhan criou essa expressão. Em grande parte,

porque a internet quebrou em menos de duas décadas todas as fronteiras, de países, continentes, culturas, economias e meios de comunicação.

Por ter nascido antes da Segunda Guerra Mundial, vi surgir a televisão, o computador, o PC, o celular e a internet. Em resumo, sou testemunha de toda a revolução digital. Tudo que havia em minha casa em meu tempo de criança não passava da luz elétrica, do velho telefone manual e do rádio de mesa de 8 válvulas – lindo, de madeira entalhada. Só na minha adolescência, tivemos o primeiro refrigerador. Máquina de lavar ou liquidificador? Nem pensar.

Na redação do jornal onde comecei a trabalhar em 1967, mesmo vivendo os tempos difíceis de censura e repressão do regime militar, nosso jornalismo era feito com alma e coração, mais do que com tecnologia. Ainda tenho no ouvido a memória daquele ruído infernal de 200 máquinas de escrever, funcionando a todo vapor, às 8 da noite, com montanhas de laudas, corrigidas à mão, cheias de rabiscos e emendas. Tudo isso parecia uma espécie de música a embalar nossos sonhos de liberdade.

Nesta coluna, amigos, falaremos quinzenalmente de passado e de futuro. Agradeço o feedback de todos.

(*) Ethevaldo Siqueira é jornalista especializado em tecnologias digitais, colunista do Estadão e comentarista da Rádio CBN. Tem 11 livros publicados.

=====